

92/1

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
ALUNA: HELGA ALIVERTI NAZARIO

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE PRÉ-ESCOLA

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

REITOR

Hans Jürgen Fernando Dohmann

VICE-REITORA

Regina Maria Lugarinho da Fonseca

DECANA

Maria Tereza Wiltgen Tavares da Costa Fontoura

DIRETORA

Janete de Oliveira Elias

PROFESSORA RESPONSÁVEL

Gilda Maria Grumbach Mendonça

PROFESSORA ORIENTADORA

Sandra Albernaz <sup>Medeiros</sup> Mendonça

PROFESSOR LEITOR

Luiz Eduardo Marques

*Nota e parecer da professora responsável:*

Nota e parecer da professora orientadora:

nota: 7.0 (sete) André Medeiros

- A monografia tem título incompatível com conteúdo desenvolvido.
- O capítulo que se propõe a discutir o "currículo" não dispõe sobre o assunto.
- Talvez fosse melhor denominar o trabalho "Relação ativa do professor de psicologia com seu aluno".
- Bibliografia insuficiente.

~~7.0~~  


Nota e parecer do professor leitor:

Nota 7,0 (sete) *Lucy!*

Lastimavelmente o trabalho não aprofundou-se na temática proposta; talvez pela falta de consulta a uma bibliografia mais adequada. Além disso, alguns capítulos não abordaram o que a autora se propôs nos respectivos títulos.

*Lucy!*

## SUMÁRIO

Capítulo I: Metodologia  
Introdução

Capítulo II: Porque conhecer as fases do desenvolvimento infantil ?

Capítulo III: A afetividade na relação professor-aluno

Capítulo IV: Currículo e perfil do profissional de pré-escola

Capítulo V : Conclusão  
Bibliografia

## *Metodologia*

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se na pesquisa bibliográfica, através da qual foi possível obter dados sobre teorias e novas concepções sobre a questão educacional atual no país.

Os livros consultados referem-se à educação: alfabetização infantil, as leis de Diretrizes e Bases da Educação, pré-escola e Teorias do desenvolvimento infantil e suas fases .

Através desta pesquisa foi possível observar e analisar o panorama educacional como um todo, tendo por enfoque principal a pré-escola.

X

}!

} metodologia

## *Introdução*

A importância de uma formação específica e diferenciada para o profissional atuante em creches e pré-escolas surgiu, quando ao colocar minha filha, aos três anos de idade em uma pré-escola particular, percebi que as “recreadoras” não possuíam nenhum tipo de habilitação teórico-científica que as capacitassem para exercer tal função. Agiam instintivamente, tratando as crianças como babás o fariam e apenas encarregando-se de “recreá-las”; sim, havia uma preocupação por parte da equipe psicopedagógica da pré-escola em criar pontos norteadores para que o trabalho de estimulação sensorial, física, emocional e cognitivo pudesse ser realizado.

O que pode ser discutido e contestado é o fato das “recreadoras” não saberem em essência o que estavam fazendo e as conseqüências deste trabalho para os alunos.

Atualmente, vários pedagogos e psicólogos valorizam em creches e pré-escolas as teorias relativas a “inteligência emocional” como ponto de partida para o trabalho educacional; mas como analisar, aplicar de forma não mecanicista, contestar ou criticar uma teoria de que não se tem conhecimentos sólidos a respeito? Resta apenas a este profissional, aplicá-la da maneira que é exigido.

Percebe-se portanto, que é necessária uma análise concomitante sobre a importância e função das creches e pré-escolas, tanto públicas quanto privadas; e reavaliar o currículo do profissional que se propõe a desenvolver os primeiros trabalhos educacionais-formais com crianças.

Ao pensar sobre pré-escola e educação infantil é necessário fundamentar a descoberta do mundo do conhecimento e não apenas encarar como brincadeiras infantis as novas descobertas diárias feitas pela criança; só assim é possível valorizar a cultura produzida por ela, os valores sociais do grupo a que ela pertence e facultar uma aprendizagem dos códigos sociais diversos.

Ao ingressar na pré-escola, a criança tem seus primeiros contatos com a palavra escrita, manuseia papéis, jornais, livros, revistinhas, giz; enfim materiais utilizados pelo homem alfabetizado para se comunicar de forma impressa. Este contato é fundamental para que a criança entenda porque e para que ler e escrever servem, conhecer o contexto desta aprendizagem e assim valorizar a aquisição gradativa, ao longo de sua vida, dos mecanismos da escrita. Para a criança, um saber sem utilidade prática dentro do contexto social em que vive é ignorado, pois tudo o que se aprende, para ser realmente “apreendido” precisa ser dotado de função. A pré-escola é vista neste caso, como a instituição onde se realizam tarefas significativas para o universo infantil, de forma que ao ingressar no primeiro segmento da escola a criança compreenda a necessidade de fixar as convenções da escrita para melhor criar, produzir e se comunicar através de símbolos.

Para que se possa debater a alfabetização é preciso antes, compartilhar, participar e criar culturas as quais a sociedade como um todo tenha acesso. O educador precisa fugir do conformismo que tende a se apoderar de cada época que vivemos, para criar um saber vivo que gradativamente se reavalia encarando o processo educacional dentro do seu contexto histórico, re-escrevendo seus conceitos a partir de uma ruptura com o pré-estabelecido, o tradicional, o imposto e já conhecido saber.

A educação se caracteriza por dilemas e conceitos múltiplos; ao conciliar facetas diferentes, utilizando o movimento dialético para superar antagonismos e dicotomias, o vínculo entre a aprendizagem da leitura e da escrita e suas funções em sociedade torna-se mais rico.

Para que esta realidade educacional se concretize, Sonia Kramer<sup>ane</sup>, em seu livro “Alfabetização, Leitura e Escrita – Formação de Professores em curso”, chama de “pão e chocolate” as necessidades básicas do educador. Para a autora, “pão” seriam salários mais justos e condições dignas de trabalho bem diversas das que temos hoje em nosso país. “Chocolate”, se refere a necessidade de formação permanente, crescimento cultural, científico e crítico do professor.

## *Porque conhecer as fases do Desenvolvimento Infantil ?*

A escola brasileira impõe um modelo sem possibilitar as experimentações ,tentativas e descobertas de cada criança , que se limita a realizar cópias e tarefas num exercício de treinamento manual. Preocupada demais com a ortografia, a escola por vezes esquece que o principal , num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes , para o textos escritos. É na escola talvez o único lugar onde se escreve muita das vezes sem motivo, por puro exercício. É preciso motivação para que se aprenda a leitura e a escrita. E esta motivação vem da própria razão de ser ; a decifração dos códigos constitui apenas um aspecto mecânico de seu funcionamento.? O educador consciente deste processo , cria paixões e não condicionamentos em seus alunos . O conteúdo ensinado à uma criança não é impresso na mente do pequeno aprendiz na forma em que é apresentado, mas sim interpretado e integrado nas suas estruturas cognitas. A aprendizagem é o processo de descoberta das relações existentes entre os fatos e a organização das relações descobertas e não apenas uma soma das partes . O educador precisa conhecer a estrutura física , mental e emocional do pré-escolar para interpretar respostas dadas a uma situação de acordo com a sua capacidade de interpretação e percepção da realidade.As percepções do “eu” e do ambiente mudam , a medida que a criança amadurece. Quando essas mudancas ocorrem, seu comportamento também se modifica. Às vezes, essas mudancas não se dão dentro do tempo desejável , surgindo “desajustamentos”. E grande parte das consequências destes “desajustamentos” pode ser minimizada à partir da compreensão da percepção infantil.

Através do estudo das fases do desenvolvimento infantil, percebe-se que em cada momento da vida de uma criança existem reações e comportamentos compatíveis, porém a possibilidade de que hajam padrões que fujam à norma em algum momento é relativamente grande. Por ser um período complexo, multi facetado e rico em aprendizagem; a criança de zero a seis anos apresenta uma série de possíveis indícios de estar tendo um desenvolvimento satisfatório ou não. Cabe não só aos pais, mas também ao profissional que tem contato diário com esta criança observar e compreender ações, relacionando-as ao período e a fase vivida pela criança. A faixa etária de maior enfoque deste trabalho é a de três a seis anos, onde a criança tendo passado ou não pela creche, ingressa na pré-escola. Não há como mencionar as fases do desenvolvimento infantil, sem relacioná-las a sexualidade da criança, no que diz respeito ser este o caminho das atividades que dão maior prazer a espécie humana desde a infância. A sexualidade infantil é a trilha do prazer maior, que percorre partes do corpo chamadas erógenas, que geram excitação e prazer.

A primeira fase vivida pela criança é a oral, através da qual ela suga o seio materno ou mamadeira e assim obtém além do alimento, o auto-prazer.

É importante frisar que as fases deste desenvolvimento não são estanques e podem se manifestar em escalas diferentes por toda a vida de um indivíduo adulto, portanto conhecê-las facilita o diagnóstico de qualquer problema relativo ao comportamento humano.

Compreender as fases pelas quais a criança passa é o mínimo que se pode fazer para ajudá-la, permitindo assim que ela as supere.

De acordo com o (psicólogo) Francisco Daudt da Veiga<sup>(ano)</sup>, em sua obra "A criação segundo Freud- O que queremos para nossos filhos?", limitar a criança à fase em que ela se encontra é não lhe dar estímulos para superá-la. Porque uma criança que recebe todos os alimentos triturados e liquidificados na mamadeira teria facilidade para experimentar a mastigação? No entanto, em determinado momento, impõem-se uma transição abrupta que deixa ressentimentos e sensação de perda, é bem provável que esta criança ao

entrar na adolescência vá correndo buscar um cigarro, como representação simbólica daquela mamadeira ou chupeta retirada de forma tempestuosa.

No desenvolvimento da criança os tempos se misturam, as capacidades aparecem e somem em seguida, para voltarem algum tempo depois. O movimento psíquico humano mais típico é o “ziguezague”. Não há curvas homogêneas de progresso, há sempre altos e baixos.

Já na fase anal, aquela em que a criança possui o controle neurológico de seus esfíncteres, podendo regular a saída da urina e das fezes; o jogo de retenção fecal praticado por algumas crianças pode chocar um profissional de pré-escola que não compreenda a importância de reter para após um tempo liberar as fezes. A criança sente o reto se distender e conseqüentemente há o reflexo de evacuação, ao conter este reflexo pela contração anal o bolo fecal voltará para uma parte do intestino que é anterior ao reto e assim há o alívio do reflexo de evacuação. Em seguida o bolo fecal avançará novamente e o jogo recomeçará. É assim que se manifesta a masturbação na fase anal.

Este jogo, se compreendido pelo educador não causará problemas sociais sérios para a criança ao eventualmente evacuar em suas roupas, pois o educador não irá repreendê-la causando constrangimento na frente de outras crianças ou adultos.

É imprescindível para aquele que trabalha com crianças, saber que as fezes são controladas antes da urina, que a urina diurna antes que a urina noturna e que há frequentes idas e vindas nesse processo de aprendizado. Tornando a criança ativa de suas capacidades e não de sua passividade frente ao mundo externo.

Compreendendo como se dá este processo físico, o educador se dá conta de que a alfabetização também é um processo e como tal requer prontidão neuropsicológica e interesse por parte da criança.

Na fase pré-escolar, a criança pode apresentar traços da fase oral, da anal e também da fálica; onde o desejo de conhecer e obter o que há de diferente no corpo do outro toma vulto. Descobrir para a menina, como funciona e desejar o pênis do menino é um processo inerente a esta etapa.

Justifica-se então a importância de conhecer todas estas etapas e suas implicações pedagógicas, o educador que antes agiria por senso comum e normas sociais; pode agora também compreender atitudes da lógica infantil e lidar com elas de forma não repressora e pré-concebida, vendo a frente as possíveis consequências de seus atos.

O educador Paulo Freire<sup>(ano)</sup>, aborda em seu livro "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa" o papel da pesquisa e da educação contínua na vida de um professor.

Ao mencionar que o professor precisa de formação permanente, ele se refere a descoberta do pesquisador que há no professor. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca e a pesquisa.

Para aquele que lida com crianças diretamente em pré-escola, é necessário estar sempre redescobrimdo a realidade infantil e isto se faz em primeira instância, através do conhecimento teórico-científico do universo infantil, de suas características físico-emocionais; estudar e pesquisar as fases deste desenvolvimento cria um novo saber que gera uma prática consciente e por isto mais eficaz.

Ao pesquisar, constatamos a existência de uma nova realidade desconhecida, na qual podemos intervir e ao fazer uma reflexão crítica sobre a prática, educar e re-educar melhor.

*A afetividade na relação professor-aluno*

***“E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.”***

***( Freire, 1996, p.159)***

Este trecho de Paulo Freire sobre a afetividade na relação professor-aluno mostra a importância da coragem de expressar sentimentos e atitudes afetivas em sala de aula.

É de uma interação nesta relação que se pode captar melhor a realidade infantil e descobrir as potencialidades individuais de cada criança, assim, faz-se da educação um processo mútuo e contínuo que respeita as características de cada aluno. Ao educar-se junto com a criança, o professor permite que a capacidade de crítica e de criação da criança caminhem juntos para que ela, possa através de sua própria lógica incorporar de forma singular as leituras que faz do mundo que a cerca.

*“Quando lemos os jornais e nos inteiramos de milhares de acontecimentos que não pudemos presenciar pessoalmente, quando em crianças estudamos geografia e história, quando sabemos por carta o que acontece a outra pessoa, em todos os casos nossa fantasia ajuda a nossa experiência.”*

*( Vygotsky, 1987,p.20 )*

A afetividade permite que o professor, enquanto educador apaixone-se por seu saber e a sua prática educativa e assim possa manter viva a curiosidade de conhecer, compartilhar e recriar conhecimento com aqueles que o cercam.

As únicas preocupações da pré-escola não podem estar voltadas apenas para atender às necessidades maternas da mulher que trabalha fora. São nos primeiros anos de vida que se instala a relação da criança com o conhecimento, e a partir daí que começa a surgir o indivíduo consciente de sua cidadania, seus direitos, deveres e sua relação para com o outro.

A criança em fase pré-escolar ao mesmo tempo em que se descobre como indivíduo, estabelece uma separação entre ela e o outro. As suas necessidades básicas” que antes eram prontamente assistidas por um adulto, agora já não são. É preciso esperar, tentar impor desejos, argumentar com lógica e contestar para obter vontades satisfeitas.

E para o professor é fundamental que se estabeleçam vínculos afetivos, a fim de que a prática educativa não se torne uma relação onipotente onde o professor determina e o aluno obedece; criando um processo de repetição e memorização de conteúdos que não pertencem e não respeitam o mundo velado e ainda por descobrir da criança.

Como aluno de uma prática pré-escolar castradora, a criança se vê desde bem cedo lidando com a violência educacional sutil, que não respeita e nem atende aos seus anseios de originalidade.

É então, mais fácil que a criança aprenda a revidar com violência toda e qualquer forma de imposição social que se faça dentro do espaço escolar.

É também difícil, porém o ideal, que o professor consiga tomar distância, descentrar-se e questionar a quem ou a que a criança está tentando agredir, quando se utiliza de violência na sua relação com ele.

O aluno agride através do professor, outras situações presentes e passadas de sua história e é necessário que aquele que ensina possa descobrir a que ações, a que atitudes de seu ensinar dirige-se esta agressão.

Atualmente, cada vez mais, vemos as crianças não só brasileiras, mas de diversas culturas serem bombardeadas ideologicamente pelos meios de comunicação que exaltam o ser violento e destrutivo como um modelo positivo e impedem a diferenciação entre atos destrutivos e atos agressivos saudáveis que são necessários para que se possa destruir-se e reconstruir-se como autor de sua própria história.

A autora Alícia Fernandez<sup>(amo)</sup> em seu livro sobre “A Mulher Escondida na Professora”, nos alerta sobre esta situação ao dizer que a publicidade não mostra modelos de jovens cientistas que usem a sua agressividade sadia para lutar contra um vírus, para descobrir a cura da AIDS, ou para sanar o planeta contaminado pelo hiperconsumismo.

Não estamos acostumados a valorizar atributos como a criatividade, a investigação e o questionamento em nossos alunos.

Um relacionamento afetivo saudável entre professor e aluno, permite que haja espaço para indagações e críticas de ambas as partes. Para Alícia Fernandez, a “agressividade” forma parte do impulso de conhecer, de possuir o objeto do conhecimento, de dominá-lo, estando a serviço da autonomia do pensamento; funcionando como possibilitadora de aprendizagem e criatividade. Enquanto que a “agressão” que dificulta a possibilidade de pensar e aprender esta a serviço da destruição do pensamento e, é um indicador de risco no processo de aprendizagem.

Ao firmar a afetividade na sua relação com o aluno, o professor percebe que o conhecimento oculto, que a criança ainda não domina, é um desafio e exige a agressividade sadia para que esta possa tomá-lo para si e reconstruí-lo criativamente. Estes conceitos permitem que o educador observe o processo educacional das crianças e diferencie a agressividade saudável, da hostilidade que pode gerar atos agressivos contra o outro ou para si mesmo, gerando frustração e depressão.

Alícia Fernandez traça uma lista de possíveis reações do professor a uma agressão do aluno, sugere um trabalho interpretativo do educador ao

Analisar que mensagem há por detrás da agressão , por que incomoda esta agressão e não criar o estereótipo do “aluno agressivo”.

Para construir uma relação afetiva sólida e saudável , o educador que lida com crianças em fase pré-escolar deve ter em mente que é possível não só conquistar mas , também , deixar-se conquistar pela diferença existente entre as personalidades e vivências de cada criança como ser dotado de individualidade.

## *Currículo e perfil do profissional de pré-escola*

É necessário analisar as dificuldades frequentemente encontradas na escola, no que se refere aos profissionais da educação e ao desempenho de seus papéis. É preciso melhorar a qualidade de ensino através da formação dos professores em curso, com palestras, treinamentos, debates e encontros; para que haja uma transformação da prática educativa.

Cabe aqui, explicitar algumas premissas básicas que orientaram um trabalho de investigação nesta área, de Sonia Kramer, que sintetiza de forma precisa os anseios e caminhos para possíveis modificações na prática do professor e da escola.

Em um primeiro momento, constata-se que o fracasso da escola de primeiro grau, se constitui no fracasso da formação de leitores e escritores. Em um segundo momento, há necessidade de fazer com que o professor, como ator vital deste processo, compreenda a prática pedagógica como prática política e social.

Não podemos nos esquecer que ainda nos dias de hoje, há uma porcentagem expressiva de professores que não possui a escolaridade mínima a nível de segundo grau, necessária para que atuem como professores. E simultaneamente, a própria formação a nível de segundo grau não prepara o professor para a heterogeneidade social e cultural que irá encontrar e enfrentar na escola. O curso normal não qualifica, o professor ao chegar à escola nem dispõe de uma visão teórica abrangente sobre a prática pedagógica nem conhece a realidade da escola e sua prática concreta. Ao invés de teoria e prática dinamicamente articulados, o que adquire na escola normal são os discursos e as técnicas.

Na pré-escola particular a situação se agrava, pois em grande parte, a “mão-de-obra barata” utilizada por pseudo-estabelecimentos de ensino, é completamente desqualificada, contando apenas como pré-requisito fundamental e básico para exercer a sua função, gostar de crianças.

O que cabe aqui registrar é a grande importância da formação em serviço. Mesmo quando a formação de professores a nível de segundo grau possuir a qualidade necessária para instrumentalizar efetivamente os professores, ainda assim, a formação contínua continuará sendo um espaço fundamental para a reflexão coletiva e o aprimoramento constante da prática pedagógica.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da educação, sancionada no ano passado, pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, traz no seu bojo */quais?* algumas modificações de grande importância para a educação pré-escolar.

Entre algumas garantias, está dito que o dever do Estado será efetivado pela universalização da educação infantil, que abrange a faixa etária dos três aos seis anos. Alguns tópicos relevantes, já conhecidos pelos educadores, foram enfim incluídos nesta LDB.

Reconhecimento da importância dos primeiros anos de vida para o desenvolvimento do indivíduo e a possibilidade real de diminuir os efeitos dos problemas de evasão, foram os principais reconhecimentos.

*E o currículo???*

## *Conclusão*

*“ Herdando a experiência adquirida,  
criando e recriando, integrando-se  
às condições de seu contexto,  
respondendo a seus desafios,  
objetivando-se a si próprio,  
discernindo, transcendendo,  
lança-se o homem num domínio  
que lhe é exclusivo – o da História e da Cultura.”*

*Paulo Freire*

Há uma imensa defasagem entre o que dizem estudos, pesquisas e estatísticas sobre a escola e a escola-viva, concreta, real. Temos que rever a colocação da pré-escola enquanto organismo participante e inicial do processo educacional para que o vazio no que se refere à função social da leitura e escrita nas atividades propostas à criança não se perca.

Concordando com os autores analisados, pode-se concluir que a complexidade maior do processo de alfabetização ocorre justamente no

início, não havendo procedência na idéia de que primeiramente a criança adquira os mecanismos para depois obter o significado.

Para tanto, na pré-escola é necessário redimensionar o período preparatório para a alfabetização, substituindo os exercícios de treino mecânico e repetitivo por atividades que concretamente favorecem a construção da leitura e da escrita.

É inconcebível, que ainda às voltas de entrar em um novo milênio, o professor não tenha compreendido o quanto política é a tarefa de compartilhar saberes, culturas, ideologias na nossa sociedade capitalista.

A fragmentação atual do trabalho pedagógico reproduz a antiga divisão entre o trabalho manual e o intelectual existente na sociedade capitalista. Vários fatores tem contribuído para o agravamento desta estratificação. De um lado, toma vulto a progressiva introdução dos “especialistas” de ensino na década de setenta, com o apogeu do Tecnicismo, rompendo com a unidade de ação do professor e esvaziando o seu saber, de outro, diminui-se a sua capacidade de agir conforme a sua prática pedagógica.

Depois da expropriação de seu saber e poder, os professores e as crianças, ao invés de serem vistos como cidadãos que são, a partir de seus diferentes contextos sociais e culturais, de suas histórias de vida e de sua pertinência de classe, são expropriados até mesmo de seus valores éticos, sociais perante a sociedade.

É imprescindível reverter este panorama brasileiro que já se perpetua a décadas, para que com o nosso potencial criador possamos produzir cultura e saberes que se espalhem por nossa sociedade, a fim de que alcancemos as definições plenas de cidadania e democracia, que como educadores ansiamos em ter no nosso país.

*Bibliografia* → *Referências Bibliográficas*

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática*, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

Kramer, Sonia. *Alfabetização, Leitura e Escrita – Formação de Professores, Em Curso, Papéis e Cópias de Professores*, 1995.

Fernandez, Alícia. *A inteligência aprisionada*, Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

Fernandez, Alícia. *A mulher escondida na professora: uma leitura Psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*, Tradução Neusa Kern Hickel, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

Niskier, Arnaldo. *LDB : a nova lei da educação*, Rio de Janeiro, Consultor, 1996.

*Vygotsky ??*